

APROFUNDAMENTO DA CONCLUSÃO

Conclusão. A luta entre a preferência e a resistência: a espera de Deus que mendiga o nosso amor

«Por mais que o homem diga que não, por mais que a sua resposta seja sempre inadequada, Ele [Deus] não desiste nunca de procurá-lo» (Conclusão). Transcrevemos um excerto do livro de Marina Ricci, Govindo: O dom de Madre Teresa. Depois de anos de afastamento da Igreja, diante da preferência na sua relação com as irmãs Missionárias da Caridade e com uma criança pequena, a autora reconhece com comoção a preferência de Deus, que nunca se esqueceu dela, e por fim cede a uma evidência, como à evidência de uma história de amor.

«A preferência de Deus»*

Há anos que eu já não ia à missa. Não por escolha, nem por rebeldia. Mas, pouco a pouco, devagarinho e sem barulho, tinha entrado naquele limbo onde não se é nem praticante nem ateu. Como se tivesse ficado repentinamente muda, já não conseguia falar com aquele Deus que eu tanto tinha amado. Não lhe imputava culpas. Não tinha sido ele quem me desiludiu, mas os homens. Infelizmente tinha sido assim. E, já que Ele tinha pensado bem ao se encarnar para a nossa salvação, agora que eu tinha ficado sozinha sem aqueles rostos que foram para mim a sua carne e o seu sangue, já não sabia onde encontrá-lo, nem como “praticá-lo”. [...]

Não esperava, não acreditava que a vida ainda pudesse reservar-me grandes surpresas, não tinha nada que pedir, não confiava em nada nem em ninguém. Tudo isto estava fechado dentro de mim. Escondido primeiramente dos outros, e depois também de mim mesma. E por isso eu nem sequer chorava por isso. *Sister* Frederick era o primeiro rosto de Deus que eu encontrava depois de tantos anos.

«*Sister*», disse-lhe eu, depois de ter contado as minhas desventuras em Shishu Bhavan, «o que é melhor para esta criança? Ter uma família que possa cuidar dela, com a mãe em casa e todo o resto, ou ter ainda assim, sem estas garantias, o afeto de uma família?». [...]

Ela falava e eu chorava. Não pela dificuldade da escolha. Não por aquela criança, nem por Calcutá. Chorava pelo amor perdido que ela, pelo contrário, tinha agarrado, apertado e enfaixado com um sari branco, debruado de azul. Chorava por mim mesma, por toda a aridez, as ambições e as resignações que tinham enfaixado a minha vida, engessando-a e tirando-lhe o fôlego e o coração. *Sister* Frederick então calava-se e ouvia.

«*Sister*, é como se, depois de tão grande afastamento, Deus tivesse dito: agora basta. E estendeu-me a mão. Mas com violência, como se estivesse a agarrar-me pelos cabelos, aqui em Calcutá, perturbando-me e fazendo-me afogar nas lágrimas. Eu o deixei há muito tempo, mas não o esqueci. Nestes anos de afastamento, nunca fiz nada de mal. Talvez tenha chegado perto, mas no último instante houve sempre algo que me retinha».

Por detrás das lentes, os olhos de *Sister* Frederick não perdiam uma lágrima. »

* M. Ricci, Govindo. *Il dono di Madre Teresa*. San Paolo: Cinisello Balsamo (Mi), 2016, p. 37-41.

» «Nunca fizeste nada de mal», disse, «porque também Ele te amou muito e não te esqueceu».

Ao escrever e contar isto, parece-me que estou a diminuir tudo, e tenho medo de parecer ridícula. Mas com que é que se pode comparar a relação com Deus, senão com uma história de amor, com uma paixão ardente que pode levar-nos a fazer as coisas mais loucas ou incríveis? Como é que se podia explicar de outra maneira aquele sari branco e azul e aquela paz na miséria, aquela carícia na morte, aquele límpido brilho dos olhos de tantas mulheres na escuridão de Calcutá? [...]

Era forte demais a carga de emoções, de factos, de coincidências, para eu não me sentir estranha, para não me perguntar se tudo o que acontecia era fruto de fantasias exaltantes ou se era mesmo a mão de Deus. Nunca me tinha acontecido sentir de forma tão material uma presença. Dum modo tão violento, como se Deus me atirasse à cara o seu rosto através das lentes de *Sister* Frederick, dos braços anquilosados de uma criança, do pó das ruas de uma cidade indiana. Mas eu continuava a ser ainda uma jornalista, por profissão e por temperamento habituada também a duvidar e a verificar. E depois aquilo que acontecia, volto a dizê-lo, era tão violento e tão evidente, que me levava inevitavelmente a perguntar-me se era verdade. Cada um tem a sua resposta. Eu tive de ceder a uma evidência.